

Uma entrevista ao Director Geral da EPIS por José Veiga de Faria

Introdução

Há muitas alunas e alunos com grandes dificuldades no seu percurso escolar. Por razões psicológicas, familiares ou problemas de vária ordem correm o risco de se perder para a sociedade e mesmo para a vida.

Dar-lhes a mão é não só uma atitude de sublime valor moral como uma atitude de grande inteligência social e económica. Crianças que se poderiam desviar podem vir a ser os Renato Sanches do desporto ou de qualquer outra área de actividade ou, simplesmente, adquirir capacidades para construírem a vida de maneira digna.

A EPIS encarou este problema de forma séria e capaz.

Estamos extremamente gratos ao Diretor Geral da EPIS, Diogo Simões Pereira, por nos ter dado a oportunidade de dar a conhecer a Associação aos leitores do Clube da SPM: muito obrigado.



Agradecemos também à Dr.ª Susana Lavajo todo o precioso apoio que nos deu.

Como nasceu a EPIS e com que objetivos? Como se articula o Vosso trabalho com o mundo empresarial e autarquias?

A Associação EPIS – Empresários Pela Inclusão Social foi criada em Setembro de 2006 por empresários e gestores portugueses, na sequência de uma convocatória à sociedade civil feita pelo Presidente da República, Professor Aníbal Cavaco Silva, no seu primeiro discurso do 25 de Abril, proferido na Assembleia da República.

A EPIS escolheu a Educação como forma de concretização da sua missão principal de promoção da inclusão social em Portugal. Com este foco, tem desenvolvido os seus programas de intervenção cívica na área do combate ao insucesso e ao abandono escolares, com particular atenção à

capacitação de jovens em risco que frequentam o Ensino Básico – 1.º, 2.º e 3.º ciclo de escolaridade - e à disseminação de boas práticas de gestão nas escolas.

Trata-se de um emblemático exemplo de associativismo empresarial, o qual veio a agregar posteriormente várias instituições públicas, cuja acção ao longo de quase uma década ilustra, de forma muito expressiva, as virtualidades da cooperação intersectorial entre a sociedade civil e o Estado.

Desde a sua fundação, contou com mais de 356 empresas associadas e parceiras da sua atividade no terreno e esteve presente em mais de 80 concelhos de todo o país (Continente e Ilhas), em parceria com o Ministério da Educação, o Instituto de Emprego e Formação Profissional, os Governos Regionais da Madeira e dos Açores, 21 Autarquias parceiras e mais de 278 escolas de todo o país.

A EPIS tem três programas principais ligados à sua missão fundacional:

- Mediadores para o sucesso escolar – 2.º e 3.º Ciclo;
- Vocações EPIS;
- Escolas de Futuro.

É capaz de nos explicar, de forma sucinta, como são detectados os alunos com dificuldades a quem vai ser proporcionada ajuda?

Os destinatários da intervenção são alunos preferencialmente a iniciarem o 7.º ano de escolaridade, que tenham já histórico de insucesso ou de abandono escolar, ou apresentem fatores de risco de insucesso ou abandono futuro, ou outros riscos associados à sua condição pessoal, à família, à relação aluno-escola ou à envolvente comunitária e territorial. São alunos normalmente “desvinculados” da escola, que têm carências identificadas ao nível das competências não-cognitivas básicas.

Em que consiste essa ajuda? Como é feita a articulação com a Escola e com a Família do aluno? São considerados apenas aspectos escolares ou também se procura detectar e resolver dificuldades sócio-psicológicas?

O programa EPIS aposta numa intervenção de capacitação personalizada, “fora da sala de aula”, feita por mediadores profissionais, num plano de trabalho ao longo de 2 a 3 anos, com o objetivo de dotar estes alunos de risco com as competências não-cognitivas mínimas que lhes permitam enfrentar as dificuldades da sua vida, estabelecer objetivos pessoais e organizar os seus estudos de modo a atingirem o sucesso escolar.

Sendo uma abordagem holística de capacitação em torno de cada aluno, o modelo prevê ainda, quando necessária, a capacitação da família (pais e/ou encarregados de educação), dos professores e assistentes operacionais das escolas, e a cooperação com as entidades da comunidade local que sejam chamadas a intervir em áreas fora da competência da escola e da EPIS.

Quanto tempo dura em média a intervenção junto de um estudante e que saídas se procura proporcionar-lhe?

A intervenção dura 2 a 3 anos.

Em 7 anos, a EPIS ajudou 2100 alunos do 3.º Ciclo a passarem de ano, o que representa um enorme ganho para eles e famílias e uma poupança de pelo menos 9 M€ (2000 x 4.415 €) para o País.

Em 2014/15, 92% dos alunos EPIS que terminaram o 9.º ano prosseguiu para o secundário e apenas 2% entrou para o mercado de trabalho. Por outro lado, através do seu programa de bolsas sociais, a EPIS tem referenciadas dezenas de alunos que entraram para a universidade e aí têm tido sucesso académico.

É capaz de nos dar números que dêem uma ideia da amplitude e sucesso do Vosso trabalho?

A EPIS implementa o programa “Mediadores para o sucesso escolar” desde 2007 em centenas de escolas de todo o país. Desde aí, já rastreou 54.434 jovens e “capacitou” 19.783 alunos.

Em 2015/16, esteve presente em 166 escolas, em 27 concelhos do Continente e em 5 ilhas dos Açores e Madeira, em parceria com Autarquias, Ministério da Educação, Governos Regionais e “empresas investidoras sociais”, com uma equipa de 159 Mediadores.

Quais são as próximas metas que vão procurar atingir?

A EPIS está a adaptar o programa “Mediadores para o sucesso escolar” do 2.º e 3.º Ciclo para uma abordagem de prevenção do insucesso escolar no 1.º Ciclo.

O objectivo para os próximos 3 anos é o de disseminar este novo programa e poder ter uma carteira de alunos do 1.º Ciclo acompanhados equivalente às atuais do 2.º e 3.º Ciclo – 4 a 5 mil alunos em acompanhamento.

Fim da entrevista

Finalmente: nem de propósito!...

*Há cerca de cinco anos li uma biografia espantosa: **The Man who knew Infinity**.*

É uma extraordinária biografia de Srinivasa Ramanujan.

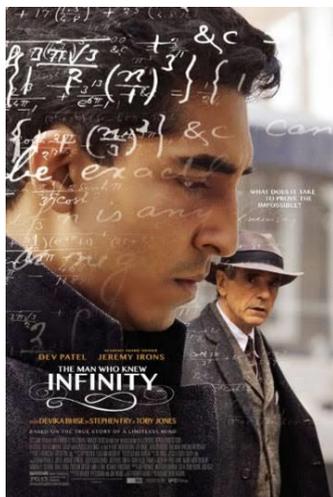
Fiquei desvanecido com o génio e o drama da vida. No Sul muito pobre da Índia aparecia um jovem que, sem formação matemática, formulava resultados que os maiores matemáticos da altura não conseguiam provar! De facto Srinivasa tão pouco os conseguia provar, mas vieram a revelar-se correctos. Há pouco tempo alguns ainda estavam em aberto.

Podia ter-se perdido não fosse um dos maiores matemáticos ingleses da altura, senão o maior, G H Hardy o ter trazido para Cambridge e lhe ter dado acompanhamento.

Funcionou como uma espécie de EPIS para este grande génio.

Hardy viria a classificar com 100 pontos o génio da Srinivasa, ao mesmo tempo que dava 80 pontos a David Hilbert , 30 ao seu amigo Littlewood e 25 a ele próprio.

Na altura pensei que dava um fantástico filme. Pois bem ele está aí:



Boas Férias cara leitora ou leitor